



# na linha quebrada da nossa época...

1

O pessimismo é um fenómeno de crise. Pode ser ultrapassado, se decidirmos seguir as nossas energias racionais. Mas pode também servir para se retrogradar, caso abdicarmos da nossa dignidade, submetendo-nos e endeusando-o. O pessimismo como sistema é uma aberração. E a sua vitalidade em certos meios, como disse um extraordinário escritor, explica-se pelo facto de tal filosofia ser profundamente anti-progressiva. Porque o progresso implica optimismo.

2

HÁ regiões pelo mundo fóra e mesmo entre nós onde a divisão da propriedade chega a extremos incríveis. Há terras, por exemplo, onde as fracções da propriedade são tão pequenas que as grades não podem ser puxadas pelos bois. Têm de ser os homens a puxá-las. Imagine-se o esforço que é necessário para que dois ou três homens substituam uma junta de bois. Se a propriedade da terra não estivesse tão dividida, o trabalho humano não teria de parecer-se com o da besta de tiro. Mas o problema da divisão da propriedade prende-se com a questão fundamental da propriedade individual ou colectiva da terra.

3

O casamento começou a desenvolver-se com a propriedade dos meios de produção; por isso éle continua a tirar da base material desta última a justificação da sua existência material. A objecção de que as classes que nada têm unem quasi sempre os seus amores segundo essa fórmula não tem qualquer valor, porque as líeas dominantes são as idéas do grupo social que domina. Mas onde a base material o exige a ideologia modifica-se. Por exemplo: depois da guerra dos 30 anos, quando a população da Europa central foi dizimada, a Dieta de Nuremberg promulgou, no dia 14 de Fevereiro de 1650, um decreto abolindo a obrigação da monogamia: «Para substituir a população dizimada pela espada, a doença e a fome... todo o homem terá o direito, durante os dez próximos anos, de desposar duas mulheres».

(Dr. Wilhelm Reich)

4

O crescimento da criminalidade é um sinal de decadência. Não admira por isso que os «gangsters» apareçam cada vez mais nos Estados Unidos, mesmo em pleno dia. Em 1913, as companhias de seguros pagaram 2 milhões de «dollars» a pessoas roubadas; em 1920, 4 milhões e meio de «dollars»; em 1927, perto de 17 milhões...

5

ANTIGAMENTE dizia-se que a Senhora das Candeias fazia muitos milagres. Mas, «antigamente» aqui quer dizer antes do aparecimento da electricidade. Porque antes da Senhora das Candeias já havia deuses em Roma, acerca dos quais constava serem muito milagrosos. Antes deles, havia os dos gregos e, antes destes, milhares de outros. Todos célebres, todos com milagres oficialmente comprovados. Os tempos mudaram e os deuses foram desaparecendo. Agora diante da Senhora das Candeias, está a abrir-se um abismo enorme: a propagação das lâmpadas eléctricas. Treinada durante tantos anos na especialidade das candeias, terá agora a Santa velhinha a força necessária para servir de freio ao progresso surpreendente da lâmpada eléctrica vitoriosa?

## “Sinfonia da guerra,”

A sair dentro de dias, nas Edições “Sol Nascente,”

POEMAS

de

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

Prefácio de  
Rodrigo Soares

Post-fácio de  
Joaquim Namorado

UM VOLUME... 5\$00

Pedidos ao “SOL NASCENTE,”

(Continuação da página cinco)

costumes; e cresce agora este brutal ataque, deslavado e irreverente, contra a instituição do matrimónio. Em vez do sacramento, ou da sua laica imitação do registo,—o puro escândalo, o máximo pecado do escândalo de ajuntarem os trapinhos sem mais nem menos. Sem teatralidade, sem cabotinismos, fazendo do amor assunto privado! Como podem deixar de horrorizar-se os meus queridos conterrâneos, todos verdadeiras *maginots* dos bons costumes?!

Entretanto, o que é curioso e definidor, nada fazem para que as suas liturgias da vida «honesta» se tornem mais acessíveis. Cada casamento custa ai uns tresentos escudos, metade no registo e metade na igreja. Como é que quem ganha cinco ou seis escudos diários, média na roda do ano se não faltar trabalho, pode cumprir o preceito? Juntar êsse dinheiro a tanto cudos diários, média na roda e dispendê-lo num dia, num curto instante! E' claro, para os moralistas de ordenados de contos de reis, ou, nem que o seja, de centenas de modernos escudos, e que tem boas achegas dos papás e das mãas embebecidas, é fácil não sair da consagrada «moralidade». Faz-se até com ela uma linda festa, com casacas e sedas e marchas nupciais a órgão. Lindo é muito cinéfilo. Também tive disso um distante dia. Paguei êsse criminoso tributo à futilidade. Mas, queridos clérigos, para aquela outra gente dos cinco ou seis escudos diários, quando não falte trabalho, de que lhes falo aqui, tão distante do magazinismo burguês e pequeno-burguês, para êstes

prevalece o sistema sainjustiano, de que aliás nunca êles ouviram falar. Cabe então perguntar-se à flora idealista:

—Se quereis tanto, tão apologeticamente, os bons costumes e o sacramento, porque fazeis da sua prática balcão? Porque fazeis comprar o sacramento, comprar o registo, comprar toda a vossa moralidade e bons costumes, tudo e sempre comprar, e a tão alto preço que a pobreza o não alcança? Quereis vós moralidade, ou, antes, bons apuros?!

Chegam a parecer imbecis, os siamezes da elite dominante, que onde dizem digo dizem não digo. Mas não, são apenas vítimas dos contrastes capitalistas de sua autoria. Contrastes para êles indestrutíveis. E daí o estarem êles mesmos e eficazmente dando lugar a uma vida nova que não importa quem, só por si e com simples frases, jámais estabeleceria. Por estas e outras é que se diz que Deus escreve direito por linhas tortas!

Podiam ao menos atenuar. Por exemplo, não extorquindo a um desgraçado, pobre como atrás digo pelos cinco ou seis escudosinhos diários, média obtida na roda do ano quando não falte trabalho, esse maná de não faltar trabalho nem uma semana; não lhe extorquir vinte e tal escudos pelo simples registo de cada criança, e nove escudos ali escarrados, a fio de espada, pelo óbito nem que seja dum vulgaríssimo abórto da mulher. Mas nem isso, amigos. Reformam lá nada, atenuam lá nada. Não é preciso. Cá por mim, até lhes digo que assim mesmo é que é preciso!

JORGE VICTOR

(Continuação da página três)

completa» incluo nela o campo. E' a industrialização da agricultura que aproxima a cidade do campo, que abule a rivalidade para criar a unidade.

Mas uma técnica nova, exige homens novos, homens que se assenhoriem dessa técnica, que se saibam servir dela.

Como nos vamos afastando de Taylor: «E' proibido pensar...» Aqui é proibido não pensar. Mas pensar só não chega. E' preciso pensar, estudando, alargar os conhecimentos, tomar conta da herança cultural da humani-

dade.

E a unidade que já estava feita com o campo fortalece-se.

E a rivalidade entre o pensamento e a acção desaparece, a rivalidade entre o económico (técnico) e o espiritual, torna-se unidade. O novo humanismo triunfa.

NOTA—(Tanto para este artigo como para os sobre «Fordismo» e «Taylorismo», publicados em «O Diabo», servi-me especialmente do magnífico livro de Georges Friedmann «La Crise du Progrès».